

Juros altos para segurar o dólar

São Paulo — Antes da posse de Armínio Fraga, no dia 8 de março, a cotação do dólar chegou ao pico de R\$ 2,21. Uma alta de 82% em relação a taxa de R\$ 1,21 de 13 de janeiro, quando o real foi desvalorizado.

Com níveis tão elevados para o dólar, o governo admitiu que a crise seria profunda. A economia cairia 3,5%, a inflação poderia bater em 16,8% no ano e certamente o desemprego ficaria mais agudo. Hoje, com o controle do câmbio na faixa de R\$ 1,70, o Ministério da Fazenda estima que a recessão será menor: queda do crescimento em 2%, com custo de vida inferior a 7%.

Para acalmar os investidores e diminuir os ataques contra a moeda, Fraga aumentou no início de março os juros anuais de 39% para 45%. A medida foi bem aceita pelos bancos internacionais, pois mostrou que o dólar também seria atacado com rigida política monetária.

O governo sabia que era importante conversar pessoalmente com os banqueiros. Armínio e a cúpula da equipe econômica visitaram financistas norte-americanos, europeus e asiáticos. Nas conferências, a comitiva brasileira expôs que a União garantiria no Congresso a aprovação de um pacote fiscal, capaz de obter uma poupança de R\$ 28 bilhões no Orçamento deste ano. "Foi importante mostrar o controle das contas públicas. As visitas deixaram os credores da dívida externa menos tensos", diz Arturo Porzecanski, diretor do ING Barings.

Céticos, os banqueiros apenas deram um voto de confiança ao governo: prometeram não sacar até agosto nenhum centavo do país, mantendo os empréstimos em níveis de fevereiro, que acumulavam US\$ 24 bilhões. O governo baixou o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) de 2% para 0,5% e começou a atrair capitais de curto prazo.

ESTABILIZAÇÃO

No início de abril, o controle sobre os preços começou a dar sinais de que estava funcionando, um fato essencial à estabilização da economia. O Índice Geral de Preços-Disponibilidade Interna (IGP-DI), índice de inflação medido pela Fundação Getúlio Vargas, caiu de 4,44% de fevereiro para 1,98% em março. O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fipe, baixou de 1,41% para 0,56% no mesmo período.

Para conter a subida dos preços, a equipe econômica também contou com a sorte. A safra agrícola recorde, que pode chegar a 80 milhões de toneladas de grãos neste ano, está mantendo os custos dos alimentos estáveis. A novidade deixou mais otimista Heron do Carmo, coordenador do IPC da Fipe. Há dois meses ele previa uma taxa de 12% para o ano. Com a redução do dólar para R\$ 1,70, porém, o custo de vida sofreu menores pressões para subir. Agora, segundo ele, a taxa deverá acumular 7% em 1999.

A recessão que domina o País desde julho, aliada ao desemprego elevado e à desindexação da economia, esfriaram as pressões de subida do custo de vida. O câmbio elevado, com pico de R\$ 2,21, não provocou aumento da inflação. "A redução do nível de atividade ajudou a conter pressões de alta dos preços ao consumidor", comenta Luis Paulo Rosemberg, sócio da Linear Investimentos.

As contas públicas também estão ajudando. No primeiro trimestre, o governo obteve uma economia de R\$ 9 bilhões, superior aos R\$ 6 bilhões prometidos ao FMI. "O câmbio fluante livrou o País do constante temor da desvalorização da moeda", diz. "O BC conservador não vem atrapalhando o mercado. Se não houver um colapso em Nova York, os juros cairão para 12% até o final do ano."